



## ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

### ECPC

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionar, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Unidade Agroalimentar e Licenciamento

DADR – Divisão Agroalimentar e  
Desenvolvimento Rural

Quinta das Oliveiras, E.N.3 – 2000-471 Santarém

Telefone: 243 377 500

Info@draplvt.gov.pt

www.draplvt.gov.pt



### JUNHO 2024



#### Estado do tempo e sua influência na agricultura em geral

No **Oeste** o mês caracterizou-se por alguma variação nas temperaturas máximas. De acordo com os registos recolhidos nas três estações do IPMA presentes na Região Oeste (Torres Vedras/Dois Portos, Alcobaça e Santa Cruz/Aeródromo), as temperaturas máximas apresentaram-se mais elevadas na primeira semana do mês, período em que se mantiveram maioritariamente acima dos 25°C e pontualmente acima dos 30°C. Na segunda e na terceira semana registou-se uma descida das temperaturas máximas que passaram a situar-se entre os 20°C e os 25°C. Na última semana, os dias 22 a 27 registaram uma subida das temperaturas máximas, embora com valores inferiores aos verificados no início do mês, não excedendo os 28°C e os últimos três dias do mês registaram uma descida da temperatura máxima para valores próximos dos 20°C. Ao longo do mês os registos nas 3 estações seguiram uma tendência semelhante, com valores superiores na estação de Torres Vedras/Dois Portos, embora muito semelhantes aos da estação de Alcobaça e inferiores na estação de Santa Cruz (Aeródromo). As temperaturas máximas variaram entre os 33,2°C, registados no dia 1 na estação de Torres Vedras/Dois Portos e os 18,4°C, registados no dia 28 na estação de Santa Cruz (Aeródromo). A temperatura máxima média foi de 25°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 24,1°C na estação de Alcobaça e de 21,4°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo), podendo-se considerar que as temperaturas máximas se apresentaram com valores ligeiramente baixos para a época, embora dentro da média dos últimos anos.



As temperaturas mínimas também apresentaram variabilidade ao longo do mês, mas com uma tendência de subida. As temperaturas mínimas variaram entre os 9,8°C e os 16,9°C, ambas registadas na Estação de Alcobaça, respetivamente no dia 6 e no dia 28. A temperatura mínima média foi de 14,3°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 13,9°C na estação de Alcobaça e de 14,7°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo), podendo-se considerar que as temperaturas mínimas se apresentaram ligeiramente baixas para a época, embora dentro da média dos últimos anos.

Em termos de precipitação, o mês foi bastante chuvoso para a época, tendo-se verificado três picos de precipitação intensa, nos dias 7 e 8, 18 e 27 e 28, com chuva forte com ocorrência de trovoadas e episódios de granizo. Na estação de Torres Vedras/Dois Portos foram registados 12 dias com precipitação e um valor acumulado de 52,7mm; na estação de Alcobaça foram registados 9 dias com precipitação e um valor acumulado de 51,9mm e na estação de Santa Cruz (Aeródromo), foram registados 11 dias com precipitação e um valor acumulado de 65,5mm. A precipitação máxima foi registada no dia 28 com 28,3mm na estação de Santa Cruz (Aeródromo).

No final do mês verificou-se uma recuperação generalizada dos níveis de água no solo relativamente ao mês anterior, devido às condições climatéricas verificadas nesse período, designadamente de precipitação, nebulosidade e temperaturas. Em 30 de junho predominava o índice de água no solo com valor de capacidade de campo (CC) [61-80], seguido pelo índice CC [41-60]. De forma localizada, algumas zonas no Alto Oeste apresentavam níveis de água no solo superiores, situados no índice [81-99], ou inferiores, situados no índice CC [21-40].

No final do mês pode-se considerar bom o estado das linhas de água superficiais e o armazenamento de águas superficiais e nos aquíferos, com boa disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

Em termos de humidade relativa do ar, pode-se considerar que foi bastante elevada ao longo do mês, com valores de humidade máxima relativa predominantemente superiores a 90% nas três estações. O valor de humidade mínima relativa foi de 24%, recolhido na estação de Alcobaça no dia 1, o qual subiu consistentemente ao longo do mês nas três estações. A humidade relativa média do mês foi de 77,5%, registada na estação de Alcobaça.

O mês caracterizou-se predominantemente por dias muito nebulosos, intercalados por alguns dias de céu pouco nublado ou limpo e com ocorrência frequente de neblinas ou nevoeiros matinais.

Em relação à intensidade do vento, o mês apresentou-se mais calmo do que o anterior. Com rajadas superiores a 40km/hora foram registados oito dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos e sete dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo). As rajadas máximas, de 51,8km/h foram registadas no dia 22 na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

Quanto à influência do tempo sobre as principais culturas, na vinha as condições de temperatura e humidade ao longo do mês foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo, mas causaram uma forte pressão nos tratamentos fitossanitários para controlo de doenças, designadamente do míldio e do oídio. Com as temperaturas ligeiramente baixas diminuiu o adiantamento da fenologia da vinha que se verificava em relação ao ano anterior. As condições meteorológicas com temperaturas mais baixas e mau tempo ocorrido na fase da floração levaram a menores vingamentos resultando



em cachos mais abertos (fenómeno designado por desavinho), fazendo baixar a perspetiva inicial sobre a quantidade de produção esperada, que era bastante elevada.

Nas pomóideas a ocorrência de precipitação anómala e a nebulosidade favoreceram o desenvolvimento do fogo bacteriano e a estenfiliose. Por outro lado, a ocorrência de precipitação favoreceu o desenvolvimento do calibre dos frutos.

Na batata de regadio, as oscilações de temperaturas e de disponibilidade de água na cultura poderão ter impactado negativamente na tuberização e em alguns casos o excesso de água em solos franco-argilosos poderá resultar em podridões com perspetiva de alguns campos nem virem a ser colhidos.

As condições de humidade excessiva atrasaram a colheita de trigos e cevadas devido aos elevados teores de humidade prevalentes nas espigas. O atraso foi acentuado com as chuvas no final do mês que dificultaram a entrada das máquinas nas searas e acamaram alguns campos. Nas hortícolas de ar livre e de estufa as condições atmosféricas não influenciaram negativamente as culturas, que decorreram dentro da normalidade.

No **Médio Tejo**, as condições climatéricas no mês de junho podem caracterizar-se por grandes amplitudes térmicas ao longo do mês, prevalecendo, no entanto, temperaturas amenas e humidades relativas altas.

Registaram-se no início e no final do mês temperaturas máximas mais elevadas, acima do normal para a época, especialmente na primeira e penúltima semanas do mês. Na primeira semana, registaram-se valores de temperatura máxima de 35,3°C e 36°C respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. No dia 24, registaram-se os valores mais elevados de temperatura máxima, de 36,4°C e 39,8°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. As temperaturas máximas mais baixas, de 20,2°C e 20,8°C, foram registadas no dia 28 nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. As temperaturas mínimas registaram valores mais constantes, registando-se o valor mais elevado no dia 28, respetivamente de 17,4°C (Tomar/Vale Donas) e no dia 1 de 19,3°C (Alvega/Abrantes) e os valores mais baixos de 12,1°C e 9,8°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e Alvega/Abrantes, registados nos dias 22 e 13.

O mês decorreu mais chuvoso do que o anterior, registando-se nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e Alvega/Abrantes, respetivamente, 9 e 8 dias com precipitação intermitente ao longo do mês. Registaram-se nas mesmas estações meteorológicas valores de 78,6mm e 45,7mm de precipitação acumulada, respetivamente.

Entre os dias 7 e 8 verificou-se pontualmente a ocorrência de queda de granizo com relativa intensidade.

Entre os dias 26 e 28, verificou-se novamente um agravamento do estado do tempo, devendo-se a uma ação de depressão, com expressão em altitude, centrada a oeste da Península Ibérica, com ocorrência de precipitação por vezes forte, de granizo e acompanhada de trovoadas.

No final do mês o teor de água no solo situou-se maioritariamente no intervalo CC [41-60] em ambas as estações meteorológicas. Pontualmente na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas



registaram-se valores no intervalo CC [61-80], apresentando-se, mesmo assim, o índice de água no solo abaixo da capacidade de campo na generalidade da região.

A humidade relativa registada na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas oscilou entre 43% e 95%, sendo a média do mês de 71,2% e na estação meteorológica de Alvega/Abrantes oscilou entre 30% e 96%, sendo a média do mês de 67%.

Durante o mês, os dias decorreram com alguma nebulosidade, principalmente associada às depressões ocorridas, verificando-se nos restantes dias, o céu com pouca nebulosidade ou limpo.

O vento soprou em geral fraco ou moderado na região (30 a 45 km/h) e temporariamente moderado a forte na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas, com registo no dia 15 de uma rajada máxima de 50,4 Km/h.

Não se referenciaram situações de escassez nas disponibilidades de água quer para rega quer para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do tempo sobre as culturas, na vinha as grandes amplitudes térmicas e humidade relativa alta provocaram a permanência de fungos, assim como nas culturas frutícolas, em que essas condições climáticas foram favoráveis ao surgimento de pragas, com maior incidência da mosca preta. Nas figueiras a instabilidade nas temperaturas que ocorreu durante o mês, com alguns dias quentes e outros com temperaturas abaixo do normal, assim como a ocorrência de precipitação, afetaram negativamente a maturação dos figos lampos, tendo o período de colheita sido mais prolongado em cerca de uma semana em relação a um ano normal (em geral 3 semanas). No limão as temperaturas mais altas danificaram parte dos frutos por escaldão. No olival e em especial nos sistemas de produção intensiva, não se verificou um impacto negativo no desenvolvimento da cultura. A ocorrência de queda de granizo com alguma intensidade na região (especificamente em Abrantes) provocou pontualmente alguns danos nas culturas hortícolas de ar livre. Também no milho (grão) esta ocorrência provocou danos nas folhas (rasgadas) sem um grande impacto para já no desenvolvimento da cultura. Nas sementeiras de inverno de grão de bico, as condições de tempo ocorridas no início do ano foram impeditivas para a instalação da sua maior parte. As instalações vingadas encontravam-se no final do mês em finalização, estando prevista a colheita num prazo de duas semanas, estimando-se um aumento de produtividade face ao ano anterior (30%). As sementeiras de abril/maio decorreram em condições de tempo um pouco mais favoráveis, sem impacto relevante no seu desenvolvimento, encontrando-se a cultura em franco crescimento.

Na **Lezíria do Tejo** a temperatura média diária foi de 19,9°C, variando de 17,6°C no dia 29 a 25,1°C no dia 1. A temperatura máxima mais baixa registada foi 19,8°C no dia 28, apresentando no dia 2 o valor mais elevado do mês, com 35°C. A média das temperaturas máximas foi de 27,1°C, e a da temperatura mínima, foi de 15°C, apresentando o valor mais baixo de 11,8°C no dia 22 e o mais elevado de 17,4°C, no dia 1.

Quanto à precipitação, a média foi de 1,9 mm. O dia mais chuvoso foi a 7 de junho, com registo de 25,7mm. Ocorreram 7 dias com precipitação, sendo a precipitação acumulada de 55,6 mm.

A humidade relativa oscilou entre 46% e 95%, com uma média de 72%.



No **Baixo Sorraia**, a temperatura média diária foi de 20,6°C, variando de 18,3°C a 24,7°C nos dias 19 e 23, respetivamente. A temperatura máxima mais baixa registada foi 21,4°C no dia 29, sendo o dia 23 o mais quente do mês com temperatura de 35,7°C. A média das temperaturas máximas foi de 28,3°C. A temperatura mínima registou o valor médio de 14,5°C. Os dias 15 e 22 apresentaram a temperatura mínima mais baixa de 11,7°C. As temperaturas mínimas mais elevadas registadas foram de 17°C, 17,1°C e 17,5°C nos dias 24, 7 e 28, respetivamente.

A média de precipitação foi de 1,4 mm, ocorrendo no dia 18 o valor mais elevado de precipitação de 16,9 mm, verificando-se nos dias 6, 7, 8, 19, 27 e 28 a precipitação de 0,3 mm, 9,4 mm, 5,8 mm, 1,5 mm, 4,2 mm e 3,2 mm, respetivamente. Registaram-se 7 dias com precipitação, sendo a precipitação acumulada de 41,3 mm.

A humidade relativa oscilou entre 62% e 99%, com uma média de 75,3%.

Na **Grande Lisboa** o mês de junho caracterizou-se por grandes amplitudes térmicas e humidade relativa elevada para a época. Registaram-se no início e no final do mês temperaturas máximas mais elevadas, acima do normal, com destaque para os dias 4, 6 e 24 com 29,7°C, 30,4°C e 32,1°C, respetivamente. As temperaturas máximas mais baixas foram registadas no dia 8, com 19,7°C e no dia 29, com 21°C. No que respeita à temperatura mínima (com valor médio para a época de 15°C) houve registo das temperaturas mais elevadas nos dias 1 e 3 com 19,3°C e no dia 7 com 17,5°C, registando-se a temperatura mínima mais baixa no dia 15 com 13,8°C.

Foram registados 26,7mm de precipitação acumulada na estação meteorológica de Lisboa, o que se revela elevado para a época quando comparado com a média, de 17,2mm. No dia 18 houve registo de precipitação na ordem dos 8,9mm, com queda de granizo em algumas zonas no dia seguinte. No dia 27, quando se registaram 8,2mm, a instabilidade do tempo foi mais generalizada a partir da tarde com precipitação por vezes forte, acompanhada de trovoadas. Esta situação prolongou-se ao longo do dia 28 com menor severidade e, a partir do dia 29, houve um desagravamento significativo do estado do tempo.

Registaram-se níveis de saturação de água nos solos com índice CC [41-60].

A humidade relativa oscilou entre 50% e 89%, com uma média de 69,2%.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por nebulosidade matinal, com tendência a céu pouco nebulado de tarde.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente moderado.

Não se registam faltas de água para a rega nem para o abeberamento dos animais.

Quanto à influência do tempo sobre as culturas, as temperaturas elevadas aliadas ao elevado teor de humidade foram propícias ao surgimento de míldio e infestantes, nomeadamente na vinha e no tomate e surgimento de necrose nas pomóideas. Os muitos dias encobertos e o vento afetaram negativamente o crescimento da maioria das sementeiras de milho. Já o granizo ocorrido em meados do mês provocou estragos em algumas áreas de plantação de tomate, derrubando as plantas. As chuvas fortes prejudicaram a eficácia dos herbicidas aplicados, principalmente no combate de milhãs nas searas de arroz. Não obstante, as condições climáticas foram, de um



modo geral, um contributo para o desenvolvimento vegetativo em todas as culturas, assim como para os prados e pastagens.

Na **Península de Setúbal** as temperaturas máximas registaram grandes oscilações ao longo do mês, com amplitude térmica de 9 a 10°C em apenas 2 ou 3 dias, situações ocorridas em 3 períodos do mês (dias 6 a 8, dias 20 a 23 e dias 23 a 26), tendo sido registado o valor máximo de 32,8°C no dia 23 e o valor mínimo de 21,5°C no dia 29. Temperaturas máximas normais para a época (26,2°C) na região praticamente apenas foram registadas no período entre os dias 11 a 16. Relativamente às temperaturas mínimas, os valores foram mais constantes e idênticos ao valor da temperatura normal para a época (13,8°C). O período entre os dias 23 e 25 registou maiores valores de temperatura mínima. Foi registado o valor mais elevado da temperatura mínima de 18,0°C no dia 23 e o valor mais baixo de 12,4°C no dia 14.

O mês decorreu chuvoso na região, registando-se a ocorrência de precipitação essencialmente em três períodos, nos dias 7, 18 e 28. O valor máximo verificou-se no dia 18 com 13,5mm registados na estação de Setúbal. No total do mês registaram-se nesta estação 23,9mm, o que corresponde a mais 40% da precipitação normal para a época na região.

Apesar da precipitação ocorrida, o teor de água no solo não registou grandes oscilações ao longo do mês, com os níveis de saturação de água no solo a chegarem ao índice CC [11-20] antes do último período de precipitação. No final do mês os níveis de saturação de água no solo situavam-se no índice CC [21-40] na região.

Na estação meteorológica de Setúbal a humidade relativa média oscilou entre 55% e 91%, sendo a média no mês de 72,8%.

Os dias foram alternando com períodos de céu pouco nublado ou limpo com dias de céu muito nublado, verificando-se estes essencialmente nos três períodos de precipitação ocorridos ao longo do mês. Registaram-se trovoadas no primeiro e no terceiro período de precipitação.

O vento soprou em geral fraco a moderado, com dias de maior intensidade de vento em meados e no final do mês. Foram registados valores de intensidade máxima de vento da ordem de 43 a 45Km/h respetivamente na região de Pegões e de Setúbal nos dias 18 e 15 e de 74,2Km/h na região de Alcochete, no dia 27.

As condições climatéricas verificadas ao longo desta campanha e referidas em relatórios anteriores, designadamente os elevados valores de precipitação que ocorreram em fevereiro e março, tiveram consequências nas sementeiras e plantações, nomeadamente nas culturas do milho, arroz e tomate indústria. Também se refletiram no desenvolvimento de outras culturas. Durante este mês não se verificaram situações de escassez nas disponibilidades de água para rega e no abeberamento de animais.



## **Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal**

### **Oeste**

Nas vinhas (para vinho), ao longo do mês continuou a verificar-se na generalidade uma prevalência de doenças causadas por fungos, devido às condições de humidade provocada por chuvas e orvalho e de temperatura, favoráveis ao seu desenvolvimento. O míldio tem incidido predominantemente nas folhas e apenas pontualmente nos cachos. Em algumas parcelas começou a surgir oídio nos cachos. Após a precipitação de dia 6 verificou-se um aumento significativo de novas manchas de míldio em folhas. A chuva ocorrida no dia 27 poderá provocar no mês de julho um aumento significativo de sintomas de oídio e o surgimento do bago negro. O aparecimento de oídio é bastante preocupante por provocar o rachamento do bago e permitir que a podridão se instale, diminuindo a qualidade da uva. As novas infeções de míldio encontram-se generalizadas a todas as castas enquanto que o oídio tem incidido especialmente nas castas tintas. Têm sido sistemáticos os tratamentos para a proteção da cultura, em alguns casos com diminuição dos intervalos entre pulverizações para minimizar os estragos causados por estas doenças. Embora exista grande pressão com o míldio e o oídio, devido aos tratamentos mais frequentes, não se verificam por enquanto quebras de produção motivadas por questões fitossanitárias.

Nas vinhas (uva de mesa), ao longo do mês o míldio continuou a exercer uma pressão elevada, com a ocorrência de ataques intensos e a necessidade de tratamentos mais frequentes que o normal para controlar a doença. Os focos de infeção ocorreram nas folhas e no bago (Rot brun).

Nas pomóideas, as condições climáticas verificadas ao longo do mês, com ocorrência de precipitação anómala e nebulosidade acima do normal, favoreceram o desenvolvimento de doenças já identificadas no mês anterior, designadamente o fogo bacteriano e a estenfiliose, no Alto e no Baixo Oeste. Verificou-se uma elevada incidência do fogo bacteriano em pomares de pereiras, com surgimento de novos focos de infeção, a apresentarem um desenvolvimento muito rápido em pomares novos. Embora com maior intensidade nos pomares de pereiras, a situação da doença também é preocupante nos pomares de macieiras. Aumentaram os sintomas de estenfiliose nos pomares de pereiras com histórico da doença bem como nos pomares em que não foi feito o controlo do enrelvamento, embora com menor incidência comparativamente à campanha anterior. Foram identificadas infeções primárias e secundárias de pedrado em pomares de pereiras e macieiras. Houve relato de ataques, por vezes fortes, de antracnose (*Colletotrichum* spp) nas macieiras. Quanto a pragas, continuam a ser identificados focos de pulgão lanífero em macieiras, principalmente nas variedades mais sensíveis, com bastante intensidade em algumas parcelas. A psila manteve-se presente nos pomares de pereiras, com uma nova geração e com tendência para aumentar. A *Cydia molesta* e a *Cydia funebrana* também estiveram presentes. O bichado, *Cydia pomonella*, apresentou capturas baixas. Desde o início do mês verificaram-se capturas de mosca do mediterrâneo. Os vários problemas fitossanitários identificados ainda não tinham causado prejuízos no final do mês, com exceção para o fogo bacteriano. Para tentar conter esta doença, foram realizados muitos trabalhos de limpeza com consequente redução da volumetria dos pomares e na produção.



Nas prunóideas não foram identificados problemas fitossanitários.

Na batata de regadio, à semelhança do mês anterior, continuaram a verificar-se focos de míldio e alternaria. No caso do míldio, subsistiam focos com maior significância em algumas parcelas. Também foram identificados focos de escaravelho, afídios e lagartas nas folhas, consideradas situações não preocupantes.

Na aveia, foram identificados focos de ferrugem devido às condições de excesso de humidade e temperatura ocorridas no mês de abril, com consequente quebra de produtividade.

No trigo e na cevada, em consequência das chuvas de abril verificou-se o desenvolvimento em abundância de infestantes nas searas, refletindo-se negativamente na secagem dos grãos na planta e retardando as datas de colheita.

Nas hortícolas em estufa foram identificados alguns problemas de fitossanidade com focos de *Tuta absoluta* e mosca branca no tomate e tripses e oídio na courgette. Foram caracterizados como ataques de baixa intensidade e considerados eficazes os tratamentos efetuados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

### **Médio Tejo**

Nas vinhas para vinho registou-se a permanência de míldio e surgimento de oídio. A cultura respondeu aos tratamentos preventivos sendo as ocorrências atenuadas.

Nas vinhas de uva de mesa os tratamentos efetuados para o míldio foram eficazes, encontrando-se a doença controlada.

Nos pomares de culturas frutícolas verificou-se na generalidade o surgimento de insetos, tendo presentes as condições de tempo ocorridas, em especial a mosca preta (*Silba adipata*), que se encontra em monitorização.

Nas figueiras registou-se o surgimento da praga mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), nos figos lampos.

Nas nogueiras encontram-se em tratamento as doenças, como a Bacteriose (*Xantomona arboricola pv juglandis*), já com uma média intensidade e pontualmente a Antracnose (*Gnomonia leptostyla*). Em termos de pragas continuou a observar-se a presença de piolho e de cigarrinha verde, já com fraca incidência.

Nos pomares de pera rocha ocorreram com alguma intensidade focos de psila, cujos primeiros tratamentos foram eficazes.

Nos pomares de citrinos, em especial na cultura de limão, foram verificados ataques de míldio com intensidade média.

### **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**

Na vinha (uva de mesa) a incidência de míldio e Black rot continua a fazer-se sentir. Quanto às pragas, os cicadélideos começaram a aparecer.



Nos pomares de citrinos, no final de maio, surgiu uma praga de piolho verde e lagarta mineira nos rebentos novos. Em junho foram efetuados tratamentos fitossanitários para o combate da lagarta mineira, ácaros e cochonilha.

No olival verificou-se o aparecimento da mosca da azeitona.

No tomate foram feitos tratamentos fitossanitários para os fungos, principalmente para o míldio.

No milho houve necessidade de executar vários tratamentos fitossanitários contra o míldio.

### **Grande Lisboa**

Nas vinhas em geral registou-se a existência de míldio que, apesar de terem sido administrados os respetivos tratamentos, está muito difícil de combater.

Nos pomares de pomóideas apareceram focos de *Cydia molesta* e de *Cydia funebrana*, constatarem-se ataques de fogo bacteriano e de afídios, para os quais houve dificuldade no seu tratamento e controlo. Nas pereiras denotaram-se sintomas de estenfiliose e surgimento de pedrado, bem como o aparecimento de uma nova geração de psila. Também a presença de bichado (*Cydia pomonella*) tem provocado estragos na produção de pera. Nos pomares de macieiras verificaram-se fortes ataques de antracnose (*Colletotrichum* spp), mantendo-se ainda bem visível o pulgão lanígero.

Nas searas de arroz houve registo de infestações de milhãs (*Echinochloa*), cujo tratamento com os devidos herbicidas foi prejudicado pelas chuvas que ocorreram.

No tomate verificaram-se alguns casos de míldio e infestantes. Também houve registo de surgimento de *Tuta absoluta* em algumas parcelas, mas ainda não é considerado alarmante, tendo sido efetuados os devidos tratamentos fitossanitários.

### **Península de Setúbal**

Ao longo deste mês não se verificaram situações preocupantes a nível de pragas e doenças nas culturas, tendo sido efetuados os tratamentos fitossanitários necessários.

Na vinha foram efetuados tratamentos fitossanitários recorrentes para o controlo da cigarrinha verde, sendo a sua presença na cultura uma preocupação para os agricultores.



## **Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior**

No final do mês, devido às condições climatéricas de precipitação e temperatura, observavam-se campos já com feno enfardado e novamente a rebrotar. Também as forragens anuais se encontravam em fase de enfardação do último corte, nalguns casos o terceiro.

Perspetiva-se no mês de julho a continuação de ótimas condições de disponibilização de alimentação natural para as espécies pecuárias, havendo boas perspetivas relativamente à necessidade de suplementação com rações ocorrer somente a partir de setembro/outubro.

As pastagens de regadio no Médio Tejo encontravam-se em bom estado vegetativo, verificando-se uma redução de 60% de horas de rega quando comparado com período similar anterior.

Na Península de Setúbal, apesar do coberto vegetal se encontrar muito seco em geral, a alimentação animal ainda continua a ser possível apenas com o recurso a prados e pastagens.



## **Estado Vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal**

No **Oeste** os trigos (mole e rijo) e a cevada idealmente teriam sido colhidos na primeira e na segunda quinzena de junho, respetivamente. Contudo, a humidade existente nas plantas devido à precipitação de abril, retardou a secagem do cereal nas espigas e as chuvas de junho dificultaram a entrada das máquinas nas searas atrasando as ceifas. Em algumas variedades de trigo, a humidade do ar derivada das neblinas mais persistentes do que o habitual, provocou a germinação do cereal na espiga, com perda de qualidade e eventual encaminhamento para alimentação animal. A elevada presença de infestantes devido à precipitação de abril, também contribuiu para o retardamento da secagem das espigas. Nas searas ocorreu ainda a queda de algumas plantas. O atraso nas ceifas fez diminuir a qualidade do cereal e a produtividade esperada. A aveia apresentava uma situação idêntica à cevada quanto a infestantes e à acama. Devido à ferrugem, é estimada um decréscimo de produtividade na aveia.

No **Médio Tejo**, na generalidade são estimados aumentos de produtividade relativamente ao ano anterior, tendo em conta as condições meteorológicas favoráveis ocorridas ao longo dos seus ciclos vegetativos. Especificamente as culturas de trigo e aveia, encontravam-se em fase de maturação.

As colheitas do trigo foram iniciadas no final de junho, perspetivando-se nesta fase uma melhoria da produtividade em cerca de 25% relativamente ao ano anterior. Prevê-se que a colheita da aveia seja efetuada no mês de julho.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, devido à precipitação ocorrida, prevê-se uma diminuição de qualidade, pela colheita tardia e um eventual apodrecimento do grão.



Na **Grande Lisboa**, no final do mês o enfardamento da maioria das searas estava já em fase final, apresentando-se as mesmas com bons povoamentos e espigas bem desenvolvidas. É expectável o aumento da produtividade quando comparada com a do ano anterior, devido às boas condições de temperatura e humidade que contribuíram favoravelmente durante todo o ciclo vegetativo.

Na **Península de Setúbal** a área semeada de culturas cerealíferas é reduzida. Prevê-se que a produtividade seja superior relativamente à campanha anterior.



### **Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, pomares de prunóideas, pomares de citrinos e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto; produção quanto a aspetos de qualidade e quantidade**

**Vinha (vinho)** - No Oeste, em consequência de um período longo de floração, no final do mês verificava-se uma heterogeneidade acentuada nos estados fenológicos, tanto na vinha como nas próprias videiras. No entanto, a maioria das vinhas encontrava-se em estágio de bago de ervilha. Em alguns casos foi possível observar vários estádios na mesma planta (cachos em bago de chumbo, cachos em bago de ervilha e fecho do cacho), o que irá influenciar na perda de qualidade do produto final. A perspetiva inicial sobre a quantidade de produção esperada está a baixar devido ao menor número de vingamentos verificado, resultando em cachos mais abertos (fenómeno designado por desavinho). No entanto se não ocorrer nenhuma situação extraordinária serão sempre esperadas produções altas, embora não tão elevadas como inicialmente se previa.

No Médio Tejo as vinhas recuperaram o atraso antes verificado, encontrando-se a cultura em bom estado vegetativo e em estágio fenológico muito equivalente a igual período do ano anterior. No final do mês os bagos já estavam a iniciar a fase de pintor.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia as uvas encontram-se maioritariamente no estado fenológico L – fecho dos cachos.

Na Península de Setúbal as vinhas no final do mês encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo, estando em média 10 a 15 dias adiantadas relativamente ao normal para a época. As situações de mildio que surgiram em abril devido às condições climatéricas então ocorridas, provocaram alguns danos, principalmente na folhagem e não tanto nos cachos, podendo considerar-se que, em geral, não terão consequências significativas na produção. Nas castas mais sensíveis houve relatos pontuais de consequências na produção. Até ao final do mês houve pouca necessidade de recurso à rega. A presença de cigarrinha verde foi bastante visível ao longo do mês, sendo uma preocupação para os agricultores, apesar dos tratamentos fitossanitários recorrentes para o controlo da praga. A retirada de determinadas substâncias ativas do mercado fizeram com que os produtos existentes não tenham persistência significativa no seu controlo. Os produtos utilizados têm efeito de choque, controlando o que está presente num período de tempo limitado. Para além disso, considerando a grande mobilidade da praga, o facto de parcelas vizinhas não serem tratadas ou terem tratamentos desfasados, podem contribuir para o regresso da mesma.



Relativamente ao estado fenológico, no final do mês as castas mais precoces, nomeadamente a Fernão Pires, já se encontravam num estado de maturação avançado, as intermédias, nomeadamente a Castelão, encontravam-se a entrar em pintor e as mais tardias, como é o caso da Moscatel, encontravam-se em estágio de cacho fechado. Relativamente a perspectivas de produção, ainda é cedo para estimar, sendo que se verificam situações muito variáveis, que evidenciam maior ou menor quantidade de produção. Na região não se espera que possam ocorrer grandes problemas relativamente à receção das uvas nas adegas.

**Vinha (uva de mesa)** - No Oeste a cultura encontrava-se com bom desenvolvimento vegetativo e em estado fenológico de cacho fechado. Devido aos problemas fitossanitários identificados perspectiva-se uma produção em cerca de 20% inferior relativamente ao ano anterior. Em termos de qualidade foi considerada prematura qualquer previsão.

No Médio Tejo, em especial as castas Cardinal e Dona Maria, encontravam-se em bom estado vegetativo, com bagos em crescimento e a iniciar a fase de pintor. No final do mês havia uma boa amostra de frutos, quer em quantidade quer em qualidade, sendo o período em curso o mais decisivo para a cultura. A manterem-se condições favoráveis, quer climáticas quer fitossanitárias, é estimada neste momento uma boa produção em termos de qualidade. Em termos quantitativos, não é ainda possível apresentar uma estimativa relativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia o estado vegetativo variava entre cacho fechado e pintor na variedade Cardinal. Os principais problemas identificados na cultura são o míldio e o Black rot. Quanto a pragas, registou-se o surgimento de cicadelídeos. Estima-se uma redução da produção em cerca de 20% relativamente ao ano passado.

Na Grande Lisboa a vinha encontrava-se maioritariamente no estágio de cacho fechado, com boa formação. Mantiveram-se as enormes dificuldades em controlar o míldio, já presente no mês anterior.

**Pomóideas** - No Oeste os pomares encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo e em estado fenológico de frutos em desenvolvimento. A ocorrência de precipitação favoreceu o desenvolvimento do calibre dos frutos, esperando-se uma produção de boa qualidade. Nas peras a expectativa de produção é de um aumento de 20 a 25% comparativamente ao ano passado, sendo mais favorável para o Baixo Oeste. Nas maçãs perspectiva-se uma produção semelhante ao ano anterior no que diz respeito às variedades Golden, Grammy Smith e Fuji. Na variedade Gala poderá observar-se uma ligeira descida comparativamente ao ano anterior. O início da colheita da pera está previsto para a segunda semana de agosto e nos pomares mais atrasados, na terceira semana.

Também no Médio Tejo os pomares apresentavam bom estado vegetativo. A floração e o vingamento dos frutos decorreram nos meses anteriores em condições favoráveis, encontrando-se neste mês os frutos em crescimento, estimando-se produções com qualidade. Em termos quantitativos, prevê-se um acréscimo de produção de cerca de 10%, comparativamente ao ano anterior.



Na Grande Lisboa, a *Cydia molesta* e a *Cydia funebrana* continuaram presentes nos pomares de pomóideas. Em geral, constataram-se ataques de fogo bacteriano e de afídios, para os quais há dificuldade no seu tratamento e controlo. Nas pereiras denotaram-se sintomas de estenfiliose e surgimento de pedrado, bem como o surgimento de uma nova geração de psila. Também a presença de bichado (*Cydia pomonella*) tem provocado estragos na produção. Em geral, a pera apresenta mais carepa este ano do que no ano anterior. Nos pomares de macieiras verificaram-se fortes ataques de antracnose (*Colletotrichum* spp), com surgimento de pontos encovados nas folhas e necrose nas nervuras resultante do clima quente e húmido. Continuou bem visível o pulgão lanígero, mas agora na parte superior da copa, no interior dos corimbos dos frutos, o que torna mais difícil o seu combate. Devido à precipitação ocorrida durante o mês esperam-se frutos de maior calibre do que no ano anterior.

Na Península de Setúbal os frutos encontravam-se em fase de crescimento. Principalmente no caso da pera, ocorreu pouca floração e muita monda fisiológica. Prevê-se que a colheita de maçãs se inicie na última semana de julho/primeira semana de agosto e a colheita de peras na segunda ou terceira semana de agosto.

**Prunóideas** - No Oeste as variedades mais precoces encontravam-se em plena colheita e as mais tardias no estado fenológico de frutos em desenvolvimento. Nos pomares de ameixas e de pêssegos que se encontravam em plena colheita, os frutos apresentavam boa qualidade de grau *brix* e de coloração, perspetivando-se uma quebra de produtividade de cerca de 40% comparativamente ao ano anterior, devido às temperaturas baixas no mês de março, o que provocou abortamento floral. Nas variedades mais tardias espera-se igualmente uma boa qualidade e uma produção idêntica ao ano passado.

No Médio Tejo, nos pessegueiros verificou-se um desenvolvimento vegetativo antecipado face às condições climáticas ocorridas nesse período, encontrando-se já frutos maduros, prontos a colher, permitindo a iniciação da colheita mais cedo do que o previsto. É, no entanto, verificada uma menor produtividade face ao ano anterior, estimando-se uma diminuição de 30%. Esta variação é justificada pela falta de frio acumulado (total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C) que induziu a uma menor capacidade reprodutiva das árvores.

**Citrinos** - No Médio Tejo, especificamente no que respeita ao limão, no final de junho os pomares encontravam-se a iniciar uma nova fase de rebentação vegetativa (novos lançamentos). Estima-se em termos quantitativos, uma maior produção relativamente ao ano anterior e em termos qualitativos não é prevista uma boa qualidade da fruta pela falta de homogeneidade do desenvolvimento dos frutos, motivada pelas condições climáticas instáveis ocorridas na altura da floração/vingamento e crescimento dos frutos.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia continuou a verificar-se um bom desenvolvimento das árvores, com razoável floração, em especial nas laranjas New Holland e nas clementinas. O desenvolvimento do pomar de citrinos foi bom, com bom aspeto vegetativo e os frutos no final do mês já apresentavam o tamanho de uma pequena noz. Foi feita uma pulverização com inseticida e óleo de verão, visando a lagarta mineira, ácaros e cochonilha. Em termos produtivos, considera-se



o ano em curso como mediano, tendo em conta que o ano anterior foi um ano de boa e elevada produção.

Na Grande Lisboa os pomares de limoeiros estão na fase de floração de verão, simultaneamente com frutos muito maturados e danificados por escaldão. Verificou-se a presença de traça do limoeiro, mosca branca e, ainda, o surgimento de cochonilhas e ácaro branco.

Na Península de Setúbal manteve-se tudo dentro da normalidade, sem alterações no desenvolvimento, encontrando-se em fase de crescimento do fruto, apesar do surgimento de cochonilha.

**Olival** - No Médio Tejo a cultura encontrava-se a decorrer dentro da normalidade, sem grande evolução face ao referido no mês anterior, situando-se maioritariamente no estágio vegetativo de vingamento do fruto.

Na Lezíria do Tejo a fase de vingamento do fruto já terminou, considerando-se um bom vingamento. Ainda é muito prematuro avançar com expectativas, quer de produtividade, quer de qualidade. Em relação a fitossanidade, tem-se verificado o aparecimento de mosca da azeitona, cujo controlo convém acautelar, apesar de nesta fase não ser ainda muito prejudicial.

**Figueiras** - No Médio Tejo, verificou-se uma antecipação da cultura face às condições do estado do tempo, com o amadurecimento dos figos lampos, encontrando-se a terminar a colheita, tendo sido a mesma iniciada no princípio de junho. Estima-se uma produção ligeiramente inferior quando comparada com um ano normal. Os figos vindimos encontravam-se em desenvolvimento.

**Nogueiras** - No Médio Tejo encontravam-se em bom estado vegetativo e em desenvolvimento do fruto.

**Cereja** - No Médio Tejo não houve colheita nesta campanha, à semelhança dos últimos anos, pela falta de produção ou produção muito residual, o que não permitiu a colheita. Esta situação foi justificada pela instabilidade do estado do tempo na região e pela ausência das condições climáticas favoráveis à capacidade reprodutiva das árvores nas últimas campanhas.



## **Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de Milho de regadio e Feijão; como decorreram, como germinaram; variação das áreas semeadas e plantadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação caso se tenha verificado. Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio; disponibilidades de água para rega**

**Milho de regadio** - No Oeste esta cultura não tem expressão, conforme já referido anteriormente. Algumas parcelas existentes são destinadas a forragem e no caso de serem para grão destinam-se a consumo doméstico de animais de capoeira. Estima-se uma manutenção de áreas instaladas comparativamente ao ano anterior.

No Médio Tejo as sementeiras encontravam-se concluídas no final do mês, mantendo-se para a região a estimativa de uma manutenção das áreas semeadas relativamente ao ano anterior. As plantações encontravam-se no geral em bom estado vegetativo e em diversos estádios vegetativos, desde as 2 a 3 folhas a 8 a 9 folhas, sendo já observável nas plantações mais avançadas o início do estágio de embandeiramento. Constatou-se que houve uma redução para menos de metade de consumo de água para rega, comparativamente a período igual do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia não houve variação significativa das áreas semeadas. As sementeiras mais precoces, em abril, foram afetadas pelas temperaturas baixas, ocorrendo algum atraso no desenvolvimento da planta. Terminaram as sementeiras, tendo

havido uma boa germinação. Prevê-se decréscimo da área semeada, devido às condições de mercado, essencialmente a descida dos preços no produtor. As culturas arvenses de regadio assumem, desde já, um aumento de custos de produção, em parte devido à precipitação ocorrida, com necessidade de executar vários tratamentos fitossanitários contra o míldio. Não existe problema quanto às disponibilidades de água para rega.

Na Grande Lisboa as sementeiras foram concluídas no início do mês, com manutenção das áreas semeadas. O milho apresentava-se em bom estado vegetativo, com 8 a 9 folhas e nalgumas zonas já iniciou o estágio de embandeiramento. No entanto, devido à falta de exposição solar sentida na região, as plantas não cresceram como era previsto, prevendo-se uma diminuição do seu tamanho médio na ordem dos 20-30cm de altura. Com a humidade elevada espera-se um forte desenvolvimento de infestantes. O vento tem afetado negativamente a rega através de *pivot* desta cultura, diminuindo a sua eficiência. Por outro lado, tem contribuído para a secagem superficial dos solos o que, nesta cultura, é um fator negativo.

Na Península de Setúbal no final do mês ainda estavam a ser efetuadas algumas sementeiras de milho grão, mas estavam praticamente concluídas. Na região a área semeada é idêntica à da campanha anterior. As plantas encontravam-se com cerca de um mês a um mês e meio atrasadas relativamente à campanha anterior, mas com bom desenvolvimento vegetativo e sem problemas fitossanitários.

**Feijão (seco)** - No Oeste as sementeiras decorreram em boas condições e as plantas germinaram bem. No final do mês a cultura encontrava-se em bom estado vegetativo. As variedades mais



precoces apresentavam boa quantidade de vagens e as mais tardias na fase de floração. Estima-se uma manutenção de áreas semeada relativamente ao ano anterior e uma produção ligeiramente superior.

No Médio Tejo as sementeiras decorreram em boas condições e a cultura encontrava-se em bom estado vegetativo atingindo a fase de floração. É estimada uma manutenção de áreas relativamente ao ano anterior. Contudo, face às condições climatéricas ocorridas ao longo do mês, temperaturas altas seguidas de chuvas, nas zonas em que ocorreu precipitação mais intensa, registou-se pontualmente uma perda de 90% da cultura, quer por não vingamento quer por podridão no solo da cultura germinada.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia semeou-se uma área superior ao ano anterior porque houve mais acesso a semente, ao conhecimento do maneio da cultura e à disponibilidade de terra.

**Batata de Regadio** - No Oeste a instalação da cultura decorreu de forma normal, mas faseada e com algum atraso nas plantações devido ao excesso de precipitação no final do inverno e início da primavera. Comparativamente ao ano anterior, estima-se uma área semeada semelhante e uma produtividade inferior em cerca de 30%. As plantações mais precoces ou realizadas em solos menos drenados apresentavam mais problemas devido ao excesso de água no solo, havendo áreas plantadas que não serão colhidas. A cultura encontra-se ainda em desenvolvimento, sem colheitas significativas.

No Médio Tejo, no final de junho já tinha sido iniciada a colheita, estimando-se nesta fase uma menor produtividade da cultura (-10%) em comparação com igual período do ano anterior.

Na Península de Setúbal as elevadas precipitações, principalmente na última semana de março, provocaram aborto de tubérculos e infeções por ataques de míldio, levando à morte total ou parcial de plantas, o que explica o decréscimo da produtividade em cerca de 20%, apesar de a qualidade não ter sido muito afetada.

**Arroz** - Na Grande Lisboa as sementeiras deram-se por terminadas no final do mês, sem incidentes, mantendo-se as áreas do ano anterior. A precipitação prejudicou a eficácia dos herbicidas aplicados, com registo de infestação de milhãs (*Echinochloa*). As mondas estavam praticamente terminadas no final do mês, prevendo-se a adubação para o mês seguinte.

Na Península de Setúbal as sementeiras terminaram no final do mês. A cultura encontrava-se com bom desenvolvimento vegetativo, estando cerca de três semanas atrasada relativamente à campanha anterior. Existem muitas infestantes, principalmente na zona da Marateca/Águas de Moura, sendo a situação pior do que na campanha anterior.

**Grão de Bico** - No Oeste, nas reduzidas áreas ocupadas pela cultura, as sementeiras foram realizadas dentro do período previsto tendo ocorrido uma boa germinação. Apresentavam no final do mês um bom estado vegetativo e boa formação de vagens, algumas já a começar a secar. Estima-se que a cultura ocupe uma área semelhante ao ano anterior. Quanto à produção esperada



é ainda cedo para estimar, sendo necessário aguardar pela fase de secagem para determinação dos calibres, com influência direta no rendimento da cultura.

No Médio Tejo a cultura (sementeiras de abril/maio) encontrava-se em crescimento e em bom estado vegetativo, com 3 a 4 ramificações já formadas.

**Tomate-indústria** - No Oeste a cultura habitualmente ocupa uma área muito reduzida. Irá diminuir ligeiramente em relação ao ano anterior, estimando-se uma área instalada de apenas 79%. As plantações foram iniciadas na última semana do mês de maio e terminaram no início de junho, tendo decorrido com normalidade. Quanto ao estado vegetativo, as plantas encontravam-se em desenvolvimento e ainda sem floração, verificando-se um ligeiro atraso na cultura devido às temperaturas baixas. A cultura está a correr bem, sendo prematura qualquer estimativa de produção. Devido às condições climáticas verificadas, existe boa disponibilidade de água para rega e também uma menor necessidade devido aos bons níveis de água no solo.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia as plantações encontravam-se concluídas no final do mês. O desenvolvimento vegetativo decorreu sem grandes anomalias ou incidência de pragas e doenças. No entanto, houve uma especial atenção aos tratamentos fungicidas, devido às trovoadas ocorridas no final do mês. A disponibilidade de água para rega não tem sofrido alterações nos níveis de água disponíveis. O atraso na instalação da cultura irá refletir-se na data da colheita, que deverá ocorrer apenas no início de agosto, em vez de no final do mês de julho.

Na Grande Lisboa as plantações no final do mês encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo, já sendo visível a formação do fruto em algumas áreas. Houve registo de míldio e infestantes devido às condições climáticas sentidas ao longo do mês. Também foram identificados focos de *Tuta absoluta* em algumas parcelas, o que ainda não se revela alarmante. Para estas situações, que afetam a produtividade e qualidade do tomate, têm estado a ser aplicados os devidos tratamentos. A queda de granizo e a precipitação mais intensa ocorridas em meados do mês afetaram algumas plantações. Não obstante, ainda não é passível de se considerarem grandes prejuízos.

Na Península de Setúbal as plantas apresentavam no final do mês bom desenvolvimento vegetativo e sem problemas fitossanitários. Com atraso no desenvolvimento de cerca de um mês, devido a terem sido plantadas tardiamente. Assim, perspetiva-se que a colheita sofra atraso de cerca de um mês e meio, pelo que deverá ocorrer em agosto ou setembro.

8 de julho de 2024